

Considerações literárias de Ezequiel Martínez Estrada: possibilidades de abertura do humano por meio do ser da linguagem

Miguel Angel Schmitt Rodriguez

Universidade Federal de Santa Catarina

195

Resumo: O presente artigo deriva reflexões em torno do humanismo perscrutando os seguintes textos do ensaísta argentino Ezequiel Martínez Estrada: “Horacio Quiroga” (*Sur*, fevereiro 1937), “Estética y filosofía de Guillermo Enrique Hudson” (*Sur*, Junho 1941), “Victoria Ocampo: 338171 T. E” (*Sur*, Janeiro 1943). Junto às ponderações de Nietzsche e Heidegger, colocam-se as considerações de Martínez Estrada sob tensão, desejando-se sondar em que medida as derivas dali motivadas, implícitas e entrelaçadas, põem ou não em xeque um humanismo que se apresenta como fórmula universal.

Palavras-chave: Humanismo, Ezequiel Martínez Estrada, Nietzsche, Heidegger.

Resumen: El presente artículo deriva reflexiones alrededor del humanismo, indagando los siguientes textos del ensayista argentino Ezequiel Martínez Estrada: “Horacio Quiroga” (*Sur*, febrero 1937), “Estética y filosofía de Guillermo Enrique Hudson” (*Sur*, Junio 1941), “Victoria Ocampo: 338171 T. E” (*Sur*, Enero 1943). Junto a las ponderaciones de Nietzsche y Heidegger, se ponen en tensión las consideraciones de Martínez Estrada, deseando averiguar en qué medida las derivas de ahí motivadas, implícitas y entrelazadas, ponen o no en jaque un humanismo que se presenta como fórmula universal.

Palabras clave: Humanismo, Ezequiel Martínez Estrada, Nietzsche, Heidegger.

Em um caderno de notas datado de novembro de 1883, no qual se encontram sentenças que esboçavam o nascimento do *Zaratustra* nietzscheano, compôs-se o seguinte pensamento definitivo desde o infinito: “La humanidad no tiene una meta; pero puede *darse* una meta – no con miras al fin, no *para conservar* la especie, sino para *negarla y superarla*”¹ (NIETZSCHE, 2010, p. 94). Giorgio Agamben em *O aberto* recobra a figura de Giovanni Pico Della Mirandola, pensador do renascimento italiano, que se tornou reconhecido como uma figura central do pensamento antropocêntrico. No entanto, Agamben retoma a célebre *Oratio de hominis dignitate* para ressaltar o caráter de abertura apresentado na constituição do humano mesmo, “sua irremediável carência de *dignitas*” (AGAMBEN, 2013, p. 54). Acompanhem os trechos mais destacados do texto latino na tradução de Luiz Feracine:

Decretou o ótimo Artífice que àquele ao qual nada de próprio pudera dar, tivesse como privativo tudo quanto fora partilhado por cada um dos demais. Tomou então o homem, essa obra de tipo indefinido e, tendo-o colocado no centro do universo, falou-lhe nestes termos: “A ti, ó Adão, nem um múnus singular precisamente para que o lugar, a imagem e as tarefas que reclamas para ti, tudo isso tenhas e realizes, mas pelo mérito de tua vontade e livre consentimento [...] Não te fizemos nem celeste nem terreno, mortal ou imortal, de modo que assim tu por ti mesmo, qual modelador e escultor da própria imagem segundo tua preferência e, por conseguinte, para tua glória, possas retratar a forma que gostarias de ostentar. Poderás descer ao nível dos seres baixos e embrutecidos; poderás, ao invés, por livre escolha da tua alma, subir aos patamares superiores, que são divinos. (MIRANDOLA, 2008, p. 39, 40).

De maneira que podemos notar, portanto, a reinvidicação de uma morada nômade para o ser que nos habituamos a chamar humano, postulada também lá naquele espaço-tempo do Renascimento, onde Foucault, em sua arqueologia das ciências humanas, reconheceu uma *epistémê* singular, que ao contrário do que nos acostumamos a pensar não

1 As citações de Nietzsche e Heidegger no corpo do texto são as traduções ao espanhol e português que foram consultadas para a elaboração de nossas reflexões. Ainda assim, sempre estivemos acompanhando as passagens nas versões do idioma próprio em que os dois filósofos escreveram e as disponibilizamos em notas de rodapé para o leitor especializado e familiarizado com a língua. O mesmo procedimento foi realizado, mais adiante, com relação a uma referência de Mallarmé. No original: “Die Menschheit hat kein Ziel: sie kann sich auch ein Ziel geben – nicht für das Ende, nicht die Art erhalten, sondern sie aufheben.” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Nachgelassene Fragmente 1882 – 1884*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag; Berlin/New York: De Gruyter, 1988, p. 114.

segiu por um caminho ascendente e evolutivo até nós (FOUCAULT, 2007).

Uma compreensão distinta nos chegou acerca do humanismo e das reivindicações dos caracteres que compõe sua essência. Por isso, talvez, Heidegger teve de enfatizar em sua *Carta sobre o humanismo* o fato de que ser contra o humanismo, nas condições que se estabeleceram, “não significa que um tal pensar se oriente para o lado oposto do humano – defendendo o inumano e a desumanidade – ou degrade a dignidade do homem”² (HEIDEGGER, 2005, p. 33). A crítica ao humanismo desenvolvida por Heidegger caminha na direção de devolver ao ser-no-mundo que se constitui por meio da linguagem o seu caráter de abertura. Daí que o pensador, mais do que filósofo, desviando-se de toda a tradição, pôde afirmar, em sua famosa conferência sobre a poesia de Hölderlin, uma sentença que parece ser decisiva para nós, restos dos destroços do progresso tempestuoso: “A língua não é nada que o Homem possua, mas, pelo contrário, é aquilo que possui o Homem”³. (HEIDEGGER, 2004, p. 76).

De sorte que a contestação aos programas humanísticos é atravessada por uma reconfiguração do entendimento mesmo acerca da linguagem. Não à toa a conclusão de que “o homem é uma invenção recente”, a que chegou Michel Foucault em *As palavras e as coisas*, teve de passar por um exaustivo trabalho arqueológico sobre as configurações dos campos de saber que se deram desde a Idade Clássica, quando o entendimento e os usos da linguagem entram “na sua era de transparência e neutralidade”. (FOUCAULT, 2007, p. 77).

Nas páginas seguintes almeja-se perscrutar alguns textos sobre literatura que o crítico argentino Ezequiel Martínez Estrada publicou na revista *Sur*, em finais da década de 30 e início da década de 40 do século passado. Numa tentativa de restabelecer a dignidade do comentário, quer deixar-se ser carregado pelo infinito da literatura, mais do que analisar suas significações últimas. Dessa maneira, atentos estaremos

2 No original: “Aber dieser Gegensatz bedeutet nicht, daß sich solches Denken auf die Gegenseite des Humanen schlüge und das Inhumane befürworte, die Unmenschlichkeit verteidige und die Würde des Menschen herabsetze.” Cf. HEIDEGGER, Martin. Brief über den ‘Humanismus’. In: _____. *Wegmarken*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2004, p. 330.

3 No original: “Die Sprache ist daher nichts, was der Mensch hat, sondern umgekehrt Jenes, was den Menschen hat.” Cf. HEIDEGGER, Martin. Hölderlins Hymnen – ‘Germanien’ und ‘Der Rhein’. In: _____. *Gesamtausgabe, Band 39*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1989, p. 74.

à ponderação de Michel de Montaigne, quem parece ter resistido à polaridade estabelecida pela instituição da linguagem representacional quando afirmava no seu ensaio acerca “Da experiência”:

Interpretar as interpretações dá mais trabalho do que interpretar a própria coisa, mas escrevemos mais livros sobre livros do que sobre os assuntos mesmos; comentamos uns aos outros. [...] Tudo é questão de palavras e se resolve com palavras. (MONTAIGNE, 1972, p. 483)

Portanto, caminhemos por esta intrincada floresta de letras que em nada se assemelha ao jardim paradisíaco, pois que não cessa de propiciar-nos imagens heterotópicas. Em ensaio sobre “Balzac, Poe e Dostoiewski” publicado na *Revista do Livro* em setembro de 1957, o próprio Martínez Estrada destacava a produção literária desses escritores pela percepção e construção de “una realidad ambivalente [...] de un mundo que el comercio no ha podido transformar en mercancías” (ESTRADA, 1957, p. 24).

Quer-se, por conseguinte, distância de toda vaidade crítica que imobiliza a força demoníaca da escritura, que a compreende como instrumento simbólico de representação construindo utopias que servem apenas para disparar a lógica de recompensas. Por isso, pode ser oportuno dirigirmo-nos aos comentários. No contato com os seguintes textos: “Horacio Quiroga” (*Sur*, fevereiro 1937), “Estética y filosofía de Guillermo Enrique Hudson” (*Sur*, Junho 1941) e “Victoria Ocampo: 338171 T. E” (*Sur*, Janeiro 1943), busca-se pôr sob tensão derivas que divagariam sobre certos entendimentos acerca do homem, do pensamento e da linguagem. Deseja-se saber em que medida estas derivas, implícitas e entrelaçadas, põem ou não em xeque um humanismo que, sempre, “pressupõem como óbvia a ‘essência’ mais universal do homem”⁴ (HEIDEGGER, 2005, p. 21).

Entre uma página de anúncio de lamparinas a querosene e outra de loções para a calvície, o semanário argentino *Caras y Caretas* dedicava na edição de 27 de fevereiro de 1937 uma única página breve em homenagem ao escritor Horacio Quiroga, quem havia falecido

4 No original: “Der erste Humanismus, nämlich der römische, und alle Arten des Humanismus, die seitdem bis in die Gegenwart aufgekommen sind, setzen das allgemeinste ‘Wesen’ des Menschen als selbstverständlich voraus.” Cf. HEIDEGGER, Martin. Brief über den ‘Humanismus’. In: _____. *Wegmarken*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2004, p. 322.

há pouco mais de uma semana⁵. A revista *Sur* foi mais generosa e transcreveu na edição de fevereiro daquele ano o discurso fúnebre que Ezequiel Martínez Estrada teria pronunciado em frente ao corpo vitimado pelo câncer antes do suicídio⁶. No primeiro parágrafo sentimos, na deferência manifestada ao amigo falecido, o ressoar de um famoso conselho. Martínez Estrada fala do decoro e da mesura, além do pudor dos excessos, que se aprendiam com a presença de Quiroga. É quando ao advertir de que “Él nos ha enseñado que la sangre es la mejor tinta” não podemos deixar de sentir um eco da lição do Zaratustra nietzscheano: “Escribe con sangre: y sabrás que la sangre es espíritu”⁷ (NIETZSCHE, 2009, p. 52).

Um certo entendimento trágico da escritura se esboça por entre essas sentenças que reivindicam o visceral na composição artística. Poderíamos pensar que aqui a arte não participa mais do âmbito da *mímesis*, atribui-se, melhor, a condição de conduzir à presença o desocultamento mesmo do ser. Não se procura fazer uso de uma linguagem transparente, neutra, capaz de uma representação das coisas do mundo; busca-se transgredir a dialética. Segundo Martínez Estrada, em Quiroga “Cada uno de sus gestos y actos emergía de oscuras y remotas fuentes, con toda la tierra por base” (ESTRADA, 1937, p. 109). O jogo da escritura se dá, podemos sugerir, por meio de um plano de imanência, não sendo gratuita a referência à terra e ao sangue.

Agora, se pensarmos que de fato os contos de Quiroga, situados, conformados e conformando a fronteira *región de Las Misiones*, acabam por fazer emergir uma nova disposição para a tradicional polaridade entre campo-cidade por meio da configuração da selva, temos que além de trabalhar com os elementos da terra, suando sangue, o escritor uruguaio

5 “Con la muerte de Horacio Quiroga desaparece el más brillante cuentista de las selvas” era o título da matéria que trazia uma nota breve sobre a vida e a trajetória literária do escritor uruguaio que havia se radicado na Argentina, onde falecera em 19 de fevereiro daquele ano. Ver: *Caras y Caretas*, Buenos Aires, Ano XL, n° 2004, p. 42. A coleção da revista encontra-se digitalizada no sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España: <http://hemerotecadigital.bne.es> – acessado em 05 de maio de 2014.

6 Os exemplares da revista que citaremos neste artigo foram consultados no sítio digital “Library University of Michigan Collections”: <http://quod.lib.umich.edu/g/genpub/> - acessado em 10 de setembro de 2014.

7 No original: “Schreibe mit Blut: und du wirst erfahren, daß Blut Geist ist.” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. Also sprach Zaratustra: ein buch für alle und keinen. In: _____. *Gesammelte werke*. Bindlach: Gondrom Verlag GmbH, 2005, p. 617.

também elaborava o seu plano de imanência, que põe de manifesto um novo horizonte para os acontecimentos. Conforme propunham Deleuze e Guattari, em *O que é a filosofia?*, por meio da constituição de um plano de imanência o que se estabelece é a transgressão do lugar próprio ao sujeito e ao objeto: “O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento” (DELEUZE-GUATTARI, 1997, p. 53). Em “Los desterrados”, um dos notáveis contos de Quiroga, lê-se de partida:

Misiones, como toda región de frontera, es rica en tipos pintorescos. Suelen serlo extraordinariamente, aquéllos que a semejanza de las bolas de billar, han nacido con efecto. Tocan normalmente banda, y emprenden los rumbos más inesperados. (QUIROGA, 1950, p. 31)

O deslocamento decorrente daí não logra seguir uma lógica predeterminada, pensa-se o devir muito além do mero movimento dialético. E, ainda evocando Deleuze-Guattari, poderíamos perceber que, nessas circunstâncias, “o movimento não é imagem do pensamento sem ser também matéria do ser”.

Vale ressaltar, agora, a observação de Martínez Estrada quando afirmava, naquela ocasião, que junto ao escritor “Notábase sobre nuestra razón puramente dialéctica el peso de otra razón que descansaba conforme a las leyes del universo” (1937, p. 109). De maneira que Martínez Estrada põe seu *hermano mayor* apartado da tradição de pensamento que nos seria imperante. Quiroga teria compreendido “su producción literaria como un aspecto diabólico [de] la marcha general de la conducta” (p. 109).

Ainda voltaremos a esse texto, discurso fúnebre por ocasião do falecimento daquele escritor de vivências tão trágicas, no entanto, por hora, vamos dar continuidade trazendo à baila o ensaio sobre a “Estética y filosofía de Guillermo Enrique Hudson”.

Destaca-se, logo no início do texto, o uso da memória como elemento central no procedimento para a realização da escritura de Hudson. As recordações seriam a matéria bruta que o escritor argentino trabalha no texto. “También él sale en busca del tiempo perdido”, enfatiza Martínez Estrada. De maneira que a distância do tempo (lembramos da obra *Far away and long ago*) põe na obra “un encanto de reverberación sutil a los hechos y las cosas” (1942, p.13). Extremamente relevante essa

observação, pois poderia apontar para uma compreensão da literatura de Martínez Estrada que se dirige a entender as coisas e os fatos não dados por si, em sua independência e autonomia, mas colocados numa vibração sonora sutil. Ademais, nesses parágrafos preliminares, Martínez Estrada destaca na literatura de Hudson o poder fortemente vívido da evocação, “que en ocasiones puede afirmarse que supera en nitidez y luminosidade a la visión directa” (p. 13).

Esse poder de evocação se daria através da “fuerza inmensa y creadora del recuerdo” obtida em uma vivência que contemplava o mundo natural e não buscava, tão somente, por meio da observação, realizar o monótono trabalho de descrição e classificação das espécies. A literatura que Hudson escreveria na Inglaterra seria, toda ela, transpassada pelas lembranças dos anos vividos no pampa argentino durante a época de sua infância e adolescência. Mesmo as obras que teriam como cenário a Inglaterra, segundo Martínez Estrada, eram espécies de palimpsestos que não podiam encobrir de todo as vivências na Argentina. “Todos sus libros están constelados de esos recuerdos”, escreve o crítico (p. 13).

Sabe-se da presença marcante que o tema da constelação teve para o poeta francês Stéphane Mallarmé em matéria de teorias da composição literária. Este, em carta datada de janeiro de 1864, destinada ao amigo Henri Cazalis, ao comentar o poema *Azur*, destacava o procedimento em que se “arrebata un puñado de estrellas en la vía láctea para sembrarlas en el papel”, e, em seguida, confessava, referindo-se ao autor de *The philosophy of composition*: “quanto más avance, más fiel he de ser a esos principios severos que me legara mi gran maestro Edgar Poe”⁸ (MALLARMÉ, 1983, p. 341). Não sabemos até onde Martínez Estrada estava familiarizado com as reflexões teóricas de Mallarmé, mas certamente não ignorava aquelas sobre os procedimentos de composição elaboradas por Poe, autor que foi muito inspirador para o seu amigo, Horacio Quiroga. De todas as formas, em *Panorama de las literaturas* o crítico e ensaísta argentino destacava, ao comentar o poema *L’Après-midi d’un faune*, a visão profunda e expressiva “de la sabiduría de los silenos” que se conjugava numa sorte de “pensamiento-emoción-ensueño-sensación” (1946, p. 344). Dimensão que, podemos sugerir,

8 No original: “prend une poignée d’étoiles dans la voie lactée pour les semer sur le papier”; “plus j’irai, plus je serai fidèle à ces sévères idées que m’a léguées mon grand maître Edgar Poe”. Cf. MALLARMÉ, Stéphane. *Correspondance. Lettres sur la poésie*. Paris: Gallimard, 1995, p. 160-163.

não seria de toda estranha, seguramente, à peregrinação panteísta de Hudson.

Conforme Martínez Estrada, a paixão pelo mundo natural fez com que o autor de *The purple land* pudesse contemplá-lo de forma tão aguda que lhe permitiu, posteriormente, “reproducir con la palabra lo inefable” (1941, p.16). Desde o trabalho de reconstrução, que mais do que recordar as emoções da infância procurava revivê-las, o escritor, amante da natureza, demorava-se sobre

las danzas o el miedo de los pájaros; el canto crepuscular del avestruz; la fiel servidumbre de la gallareta o del chajá; la picardía del armadillo; el carácter del puma; la biografía de la vizcacha (sic); los hábitos de cuantas aves conoció, en la agitación de vuelos migratorios, en todo lo que es bello, inteligente, vivaz [...] así el sabor, el tacto, o no sé qué efluvios que las cosas tienen para el que ha convivido con ellas muchos años, volvían a su alma quizá más ricos de emoción que en el momento mismo de aprehenderlos, por ese fenómeno de acústica que hace vibrar en resonancia la serie íntegra de los armónicos. (p. 16)

A maneira de Hudson referir-se aos animais e plantas que povoaram as experiências dos anos da infância e adolescência é marcada, expressamente, por uma paixão animista que se poderia dizer ser derivada de certa simpatia ao panteísmo espinosiano. Existia no seu modo de relacionar-se com o mundo natural uma faculdade e uma emoção primitiva, que em *Far away and long ago*, o autor designava como sendo o “sense of the supernatural in natural things” (HUDSON, 2008, p. 226).

Contemporâneo de Charles Darwin, foi Hudson um naturalista que não se convenceu de todo com o materialismo científico e por isso o seu olhar não era direcionado unicamente às estruturas formais das plantas ou dos animais. Em certa medida, poderíamos dizer que ele resistiu à uma *epistémê* na qual as disciplinas de saber tinham como pressuposto prático o uso da linguagem na sua função exclusiva de nomeação que fixava os seres em um quadro taxionômico. É sintomático que ao final de *Far away and long ago* o autor relembre e descreva o desconforto que teve após ler *On the origin of species*:

I was sick of thinking. Like the wretch who long has tossed upon the thorny bed of pain, I only wanted to repair my vigour lost and breathe and walk again; to be on horseback, galloping over the green pampas, in sun and

wind. (HUDSON, 2008, p. 328)

Percebe-se uma resistência ao enrijecimento das forças do homem, que seria provocada por certo disciplinamento na organização do saber. A perda de vigor estaria, podemos pensar, intrinsecamente vinculada à uma concepção materialista do mundo onde a linguagem perde sua potência de evocar *mundos*. Em 1912, seis anos antes de publicar *Far away and long ago*, Hudson escrevia, ao prefaciar sua *An outline history of english literature*, que em um trabalho de história da literatura “something more is required than a list of authors and their books, and even than a chronologically-arranged collection of biographical sketches and critical appreciations” (HUDSON, 1963, p. V). Se no âmbito dos estudos da literatura já se compreendem os problemas de uma redução do saber aos esquemas e grades classificatórias não será diferente a atitude quanto à percepção do mundo natural.

203

Nietzsche, em *Más allá del bien y del mal*, já advertira: “el sabio, el hombre de ciencia común, tiene siempre algo de solterona; pues, como ella, ignora las dos funciones más importantes del ser humano: “Engendrar” y “dar a luz” (NIETZSCHE, 2009, p. 488)⁹. Em que medida essas funções mais importantes não são as que Heidegger reclama para que se supere o *esquecimento do ser* estabelecido por uma metafísica que compreende a verdade como jogo de correspondências entre ser e linguagem?

Em *El origen de la obra de arte* Heidegger pontua:

Un mundo no es una mera agrupación de cosas presentes contables o incontables, conocidas o desconocidas. Un mundo tampoco es un marco únicamente imaginario y supuesto para englobar la suma de las cosas dadas. *Un mundo hace mundo* y tiene más ser que todo lo aprensible y perceptible que consideramos nuestro hogar. Un mundo no es un objeto que se encuentre frente a nosotros y pueda ser contemplado. Un mundo es lo inobjetivo a lo que estamos sometidos mientras las vías del nacimiento y la muerte, la bendición y la maldición nos mantengan arrobados en el ser¹⁰. (HEIDEGGER, 1996, p. 37)

9 No original: “Im Verhältnisse zu einem Genie, das heisst zu einem Wesen, welches entweder zeugt oder gebiert, beide Worte in ihrem höchsten Umgange genommen -, hat der Gelehrte, der wissenschaftliche Durchschnittsmensch immer etwas von der alten Jungfer: denn er versteht sich gleich dieser nicht auf die zwei werthvollsten Verrichtungen des Menschen.” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Jeinseits von Gut und Böse*. Berlin: De Gruyter & CO. Berlin, 1968, p. 137.

10 No original: “Welt ist nicht die Bloße Ansammlung der vorhandenen abzählbaren oder Unabzählbaren, bekannten und unbekanntenen Dinge. Welt ist aber auch nicht ein nur eingebildeter,

Pode ter sido este, precisamente, o mundo que Hudson buscou e experimentou, por isso teve tanta resistência à uma compreensão científica e objetiva da natureza. Martínez Estrada observou em seu ensaio: “Para Hudson el hombre es, ante y sobre todo, un animal superior, susceptible de envilecerse en cuanto degrada a su condición zoológica o de desnaturalizarse en cuanto se eleve a su condición angélica” (1941, p. 19). Tal compreensão nos remete àquela expressa por Pico della Mirandola, referida no início deste artigo. Não temos uma qualidade intrínseca que seja nossa essência mais original. Nessa perspectiva, não existe “pátria amada”, nosso exílio é cotidiano e é o que temos de mais humano, demasiado humano. É porque vivemos desterrados que a vida se nos apresenta desde sempre como arte. Daí que a linguagem não é nunca um instrumento de representação, mas o próprio meio onde se colocam as condições de possibilidade do mundo.

Pudemos observar, até então, como Martínez Estrada valorizava a escritura do seu amigo Quiroga pelo seu aspecto visceral, onde se deixava de lado o ornamental e o acessório. Também se viu como no caso de Hudson a memória se estabeleceu como campo de operações de uma escritura que contemplou a natureza numa relação passional e nunca meramente objetiva. Adentremos, agora, ao seu comentário, em forma de resenha, do livro *338171 T. E*, de Victoria Ocampo.

O livro de Ocampo, publicado em 1942, é uma biografia nada convencional sobre a personalidade de Thomas Edward Lawrence (1888–1935). Arqueólogo, filósofo, caudilho, diplomata, estrategista militar, poeta britânico, Lawrence foi para Ocampo, segundo Martínez Estrada, “un apasionante motivo de despertar en sí misma resonancias misteriosas” (1943, p. 101). Não se tratava, portanto, de uma biografia simples, fruto de uma curiosidade intelectual somente. A narrativa não pôde seguir, dessa maneira, uma lógica linear como “en capítulos de historia o de novela” (p. 100). O livro é, mais bem, uma meditação, talvez infinita, motivada pelos rastros de “quien sin éxito se buscó a sí mismo en infinitas ‘tomas’, arrastrado en un torbellino de acontecimientos” (p.

zur Summe des Vorhandenen hinzu vorgestellter Rahmen. *Welt weltet* und ist seiender als das Greifbare und Vernehmbare, worin wir uns heimisch glauben. Welt ist nie ein Gegenstand, der vor uns steht und angeschaut werden kann. Welt ist das immer Ungegenständliche, dem wir unterstehen, solange die Bahnen von Geburt und Tod, Segen und Fluch uns in das Sein entrückt halten.” Cf. HEIDEGGER, Martin. Der Ursprung des Kunstwerkes. In: _____. *Holzwege*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 30-31.

100). Michel de Montaigne, no mesmo ensaio referido no início, teria apontado:

Nenhum espírito generoso se detém por si mesmo, antes vai sempre para adiante e além de suas forças. Se não se afana, não se apressa, não acua, não se choca, não gira sobre si mesmo, é porque não está vivo, vegeta. (1972, p. 483)

Esse parece ter sido o caso.

Logo, se percebe que a vida de Lawrence põe em evidência o dilaceramento próprio do ser humano. Por isso ela é instigadora: não diz respeito a um sujeito, evidencia uma instabilidade que deve ser pensada “vinculado a nuestro proprio destino humano” (ESTRADA, 1943, p. 102). O quanto este destino foi interrompido por um humanismo que, antes de mais nada, reivindica como sagrado a vida em seu aspecto biológico, parece ter sido um dos motivos da preocupação de Foucault em seu diagnóstico biopolítico. Porque o próprio das tecnologias de biopolítica é, a partir da universalidade de um conceito de humano, tornar tudo doméstico e extirpar como indigno os elementos cindidos, ambivalentes, que não respeitam a lógica dialética.

A resenha de Martínez Estrada enfatiza que a autora Victoria Ocampo soube fugir das análises costumeiras que se restringem ao estudo vida/obra. Isso se dava por uma compreensão de que a existência de Lawrence já colocava em xeque essas oposições binárias. Lawrence teria logrado ser ator e espectador do próprio drama. E o que importa, ao final, não é nem tanto a vida ou a obra mas o espaço em que se tornam possíveis ambas. Assinala o comentador: “A través de la exégesis de este libro vemos que entre la vida y la obra de Lawrence existe como una interpósita persona que participa de ambas sin ser totalizada por ellas” (p. 103). De maneira que nos animamos a pensar que entre o céu e a terra, o mundo inteligível e o mundo sensível, o super-homem e o animal, a obra e a vida, o que se manifesta, sempre, é a máscara que duplica nossa existência tornando-a estranha para si mesma. É nesse sentido que o problema ao qual somos convidados pela persona de Lawrence é decisivo: “Vivía Lawrence, como Hamlet, en el epicentro de un tifón y maniobraba el salvamento de su propia existencia con ánimo tranquilo” (p. 72). Heidegger na conferência sobre a poesia de Hölderlin, já mencionada, apontava para algo que não deveria soar incompreensível seja para a autora Victoria Ocampo quanto para o

crítico Martínez Estrada:

O nosso Ser, por conseguinte, desenrola-se sob a forma de um diálogo, desde que nós, respondendo a tal repto, tragamos à linguagem o ente enquanto tal, desvendemos o ente no que ele é e no modo como é, encobrimo-o e dissimulando-o, porém, ao mesmo tempo. Só onde acontece a língua desvenda-se o ser e o não-ser. Este desvendamento e encobrimento somos nós próprios¹¹. (2004, p. 72)

Nossa impressão, a partir da resenha de Martínez Estrada, é de que Lawrence experimentou uma existência onde para salvar a vida era preciso ganhá-la na cotidiana decisão de perdê-la. O lugar desse acontecimento parece ser propriamente o da linguagem, da escritura. Todavia, se Heidegger não se cansou de dizer que “a linguagem é particularmente a casa do ser e a habitação do ser humano”¹² (HEIDEGGER, 2005, p. 81) não foi com outra intenção senão a de assinalar uma “essência” existente para o homem. De sorte que esse “lugar do acontecimento” não é um espaço que garante uma posição e uma estabilidade, mas o meio que possibilita a disposição para a emergência do Ser.

Agora, se voltarmos ao texto em homenagem à *Horacio Quiroga* e ao que trata da *Estética y filosofía de Guillermo Enrique Hudson* vamos ver que Martínez Estrada, ainda que destacando o carácter imanente da composição e contemplação artística, não abandona de todo a figura de genialidade do escritor. Nesse sentido, diríamos que nos comentários sobre a literatura de sua predileção evidencia-se uma compreensão aguda sobre a linguagem, o pensamento e o homem, mas mantém-se uma certa resistência que resguarda ainda a imagem do artista de gênio. A reflexão sobre o livro de Victoria Ocampo traz uma tensão nesse quadro, precisamente quando se assinala que a indistinção entre vida e obra promove, justamente, a visão de que ambas são as “sombras que

11 No original: “Unser Seyn geschieht demzufolge als Gespräch, sofern wir, so angesprochen sprechend, das Seiende als ein solches zur Sprache bringen, das Seiende in dem, was es und wie es ist, eröffnen, aber auch zugleich verdecken und verstellen. Nur wo Sprache geschieht, eröffnen sich Sein und Nichtsein. Diese Eröffnung und Verhüllung sind wir selbst.” Cf. HEIDEGGER, Martin. Hölderlyns Hymnen – ‘Germanien’ und ‘Der Rhein’. In: _____. *Gesamtausgabe, Band 39*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1989, p. 70.

12 No original: “Das Sein ist die Hut, die den Menschen in seinem ek-sistenten Wesen dergestalt zu ihrer Wahrheit behütet, daß sie die Ek-sistenz in der Sprache behaust. Darum ist die Sprache zumal das Haus des Seins und die Behausung des Menschenwesens.” Cf. HEIDEGGER, Martin. Brief über den ‘Humanismus’. In: _____. *Wegmarken*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2004, p. 361.

proyecta sobre la tierra” a persona (1943, p. 102).

Parece que na sentença do Zaratustra nietzscheano “El hombre es una cuerda tendida entre el animal y el superhombre” se tende a dar atenção maior ao significante ‘super-homem’, passando a ser desejada a marcha para o seu alcance. E nisso se ofusca a importância da corda, do meio que permite falar precisamente em super-homem e animal. Mas Zaratustra é enfático a esse respeito: “La grandeza en el hombre consiste en ser un puente y no una meta”¹³ (NIETZSCHE, 2009, p. 23). Vamos ver esse pensamento ressoar em Riobaldo, personagem de *Grande Sertão: Veredas*, quando este nos diz: “o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (ROSA, 1979, p. 20, 21).

O humanismo combatido por Heidegger era já um dos alvos de Nietzsche; a morte de Deus implicava uma desmontagem do Homem. Martínez Estrada proporciona, por meio das suas considerações estéticas, um mote para a reflexão que deriva em questionamentos nada desprezíveis sobre a temática. De uma ou outra maneira, a forma como se concebe a escrita e o relacionamento que se estabelece entre a linguagem e o pensamento evidenciam as fissuras de uma postulação humanista. Em pleno desenrolar da Segunda Guerra, contemporaneamente às postulações de Heidegger que marcariam o pensamento pós-estruturalista, vemos nas entrelinhas das ponderações do autor de *La cabeza de Goliath* possíveis manchas que desfiguram os contornos fixos do humano.

13 No original: “Der Mensch ist ein Seil, geknüpft zwischen Tier und Übermensch [...] Was groß ist am Menschen, das ist, daß er eine Brücke und kein Zweck ist.” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. Also sprach Zaratustra: ein buch für alle und keinen. In: _____. *Gesammelte werke*. Bindlach: Gondrom Verlag GmbH, 2005, p. 597.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *O aberto: o homem e o animal*. Tradução de Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Plano de Imanência*. In: *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. & Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

ESTRADA, Ezequiel Martínez. *Horacio Quiroga*. In: *Revista Sur*, Año VII, Febrero de 1937. Buenos Aires: Sur, 1937.

_____. *Estetica y filosofía de Guillermo Enrique Hudson*. In: *Revista Sur*, Año XI, Junio de 1941. Buenos Aires: Sur, 1941.

_____. *338171 T. E.* (Sur, Buenos Aires). In: *Revista Sur*, Año XIII, Enero de 1943. Buenos Aires: Sur, 1943.

_____. *Panorama de las literaturas*. Buenos Aires: Claridad, 1946.

_____. *Balzac, Poe y Dostoiewski*. In: *Revista do Livro*, n. 7, v. 2, set. 1957. Rio de Janeiro: Instituto do Nacional do Livro, 1957.

FOUCAULT, Michel. “O mundo é um grande hospício”. In: *Ditos e escritos – Volume VII: arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. “El origen de la obra de arte”. In: *Caminos de bosque*. Tradução ao espanhol de Helena Cortés & Arturo Leyte. Madri: Alianza, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Tradução de Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

HUDSON, William Henry. *An outline history of English literature*. London: G. Bell and Sons, 1963.

HUDSON, William Henry. *Far away and long ago: a history of my early life*. Rockville: Wildside press, 2008.

MALLARMÉ, Stéphane. “Carta inédita de Mallarme”. Tradução ao espanhol de Émile Noulet. In: *El hijo pródigo 1943-1946*. Colección: *Revistas Literarias Mexicanas Modernas*. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1983.

MIRÀNDOLA, Giovanni Pico Della. *A dignidade do homem*. Tradução

de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2008.

MONTAIGNE, Michel de. “Da experiência”. In: *Ensaaios*. Tradução de Sérgio Milliet. Porto Alegre: Globo, 1972.

NIETZSCHE, Friedrich. “Así habló Zaratustra: un libro para todos y para nadie”. In: *Friedrich Nietzsche II*. Tradução ao espanhol de José Rafael Hernández Arias. Madrid: Gredos, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Más allá del bien y del mal: prelude para una filosofía del futuro*. Tradução ao espanhol de Carlos Vergara. Madrid: Gredos, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos (1882-1885)*. Tradução ao espanhol de Diego Sánchez Meca y Jesús Conill. Madrid: Tecnos, 2010.

QUIROGA, Horacio. “Los desterrados”. In: *Los desterrados*. Buenos Aires: Lautaro, 1950.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.